

**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E
TECNOLOGIA DO
TOCANTINS - *CAMPUS* PALMAS
LICENCIATURA EM LETRAS – HABILITAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA**

ELLEN REGINA NASCIMENTO OZELIN

**A REPRESENTAÇÃO DA VIUEZ NO ROMANCE *A VIÚVA SIMÕES*, JÚLIA
LOPES DE ALMEIDA**

PALMAS
2024

ELLEN REGINA NASCIMENTO OZELIN

**A REPRESENTAÇÃO DA VIUEZ NO ROMANCE *A VIÚVA SIMÕES*, JÚLIA LOPES
DE ALMEIDA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Coordenação do Curso de Graduação de Licenciatura
em Letras - Habilitação em Língua Portuguesa da
Unidade *Campus* Palmas, do Instituto Federal do
Tocantins, como exigência à obtenção do título de
Licenciado(a) em Letras com Habilitação em Língua
Portuguesa.

Orientadora: Professora Dra. Nahete de Alcântara Silva
Tamba

PALMAS
2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Bibliotecas do Instituto Federal do Tocantins

O99r Ozelin, Ellen Regina Nascimento
 A representação da viuvez no romance A viúva Simões, Júlia
Lopes de Almeida / Ellen Regina Nascimento Ozelin. – PALMAS, TO,
2024.
 33 p. : il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras -
Habilitação em Língua Portuguesa) – Instituto Federal de Educação,
Ciência e Tecnologia do Tocantins, Campus Palmas, PALMAS, TO,
2024.

Orientadora: Dra. Nahete de Alcântara Silva Tamba

1. Representação. 2. Viuvez. 3. Feminina. I. Tamba, Nahete de
Alcântara Silva. II. Título.

CDD 400

A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio, deste documento é autorizada para fins
de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

**Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica do IFTO com os dados fornecidos
pelo(a) autor(a).**

ELLEN REGINA NASCIMENTO OZELIN

A REPRESENTAÇÃO DA VIUEZ NO ROMANCE A VIÚVA SIMÕES, JÚLIA LOPES DE ALMEIDA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Graduação de Licenciatura em Letras - Habilitação em Língua Portuguesa da Unidade *Campus* Palmas, do Instituto Federal do Tocantins, como exigência à obtenção do título de Licenciado(a) em Letras com Habilitação em Língua Portuguesa.

Aprovado em: 17/06/2024

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 **NAHETE DE ALCANTARA SILVA**
Data: 25/06/2024 11:31:00-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Orientadora Profa. Dra. Nahete de Alcântara Silva Tamba
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins - Campus Palmas

Documento assinado digitalmente
 **ELAINE CRISTINA RODRIGUES AGUIAR**
Data: 25/06/2024 09:53:32-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Me. Elaine Cristina Rodrigues Aguiar
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins - Campus Palmas

Documento assinado digitalmente
 **FERNANDA SILVA NEVES**
Data: 21/06/2024 21:00:08-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Fernanda Silva Neves
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins - Campus Palmas

À minha mãe, que esteve sempre presente ao meu lado, apoiando-me ao longo de toda a minha trajetória.

Resangela, este trabalho é também um reflexo do seu amor e resiliência.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por me guiar ao longo desta jornada acadêmica.

À minha querida mãe, Resangela, minha amada avó Maria Regina e minha querida tia Eva, que são mulheres inspiradoras da minha família, agradeço por tudo que me ensinaram.

Um agradecimento especial às minhas irmãs, Emily (My) e Fernanda (Fê), que estão sempre ao meu lado em todos os momentos.

Ao meu querido tio Inan, agradeço pelo apoio, você também fez parte desta jornada.

Ao meu primo Guilherme (Gui). Mesmo sendo ainda uma criança, você, de certa forma, contribuiu de maneira especial para esta jornada.

Expresso minha gratidão aos familiares que, mesmo indiretamente, contribuíram em algo.

À minha orientadora, Nahete de Alcântara Silva Tamba, meu sincero agradecimento pelo seu apoio, orientação e inspiração ao longo desta trajetória.

Também gostaria de agradecer às professoras Fernanda e Elaine, cuja paixão pela literatura feminina despertou meu interesse e me motivou ainda mais neste campo de estudo. Elaine, Fernanda e Nahete, vocês foram fundamentais, meu sincero agradecimento.

Aos professores que contribuíram para a minha formação acadêmica e todas as pessoas que, direta ou indiretamente, contribuíram de alguma forma na minha trajetória.

Um agradecimento especial aos colegas que estiveram ao meu lado nesta jornada, em especial à Carine, que compartilhou comigo os desafios e conquistas ao longo do curso.

E um agradecimento não menos importante às mulheres pioneiras, que abriram caminho para que eu pudesse sonhar e realizar.

Por fim, dedico meu mais sincero agradecimento a mim mesma, por ter perseverado e seguido em frente, apesar dos desafios enfrentados ao longo desta jornada.

“[...] Na estrada da vida todos os passos que damos deixam vestígios, mas desde que desejemos voltar atrás, já não lhes encontramos as pegadas. Tudo se esvai, todas as cenas se desligam, ficando aqui e ali, como névoas esgarçadas em penedias calvas, uma ou outra lembrança, uma ou outra saudade. A vida é assim.”

(Júlia Lopes de Almeida)

RESUMO

O estudo em questão analisa os elementos que contribuem para a construção da personagem feminina e sua representação diante da viuvez, com o foco na personagem Ernestina do romance *A Viúva Simões*, de Júlia Lopes de Almeida. Classificada como pesquisa básica, com finalidade de analisar como a viuvez é representada na obra em questão. Utilizando uma abordagem qualitativa, busca-se interpretar a configuração da viuvez feminina no contexto do romance. A pesquisa fundamenta-se em revisão bibliográfica, sendo classificada do tipo exploratória. Para pesquisa que deu origem a esse trabalho os teóricos citados foram Saffioti (2015), Parkes (1998), Perrot (2008), Tamba (2015), Silva (2015), Possas (2008) e outros teóricos. Por fim, o trabalho apontou diferentes situações que envolvem as representações associadas à viuvez feminina em diferentes contextos.

Palavras-Chave: Representação. Viuvez. Feminina. Contexto.

ABSTRACT

The study in question analyzes the elements that contribute to the construction of the female character and her representation in the face of widowhood, focusing on the character Ernestina from the novel *A Viúva Simões*, by Júlia Lopes de Almeida. Classified as basic research, with the purpose of analyzing how widowhood is represented in the work in question. Using a qualitative approach, we seek to interpret the configuration of female widowhood in the context of the novel. The research is based on a bibliographic review, being classified as descriptive. For the research that gave rise to this work, the theorists cited were Saffioti (2015), Parkes (1998), Perrot (2008), Tamba (2015), Silva (2015), Possas (2008) and other theorists. Finally, the work pointed out different situations that involve representations associated with female widowhood in different contexts.

Keywords: Representation. Widowhood. Feminine. Context.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Imagem da Júlia Lopes de Almeida

Figura 2 - Capa do livro *A Viúva Simões*

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	12
2. JÚLIA LOPES DE ALMEIDA – “Uma criadora genial”	13
2.1. Sobre a obra	17
3. A CONDIÇÃO FEMININA	19
4. SIMÕES, UMA TRANSGRESSORA?.....	22
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	29
REFERÊNCIAS.....	32

1. INTRODUÇÃO

A representação da mulher na literatura, especialmente em contextos de viuvez, oferece uma perspectiva rica e multifacetada sobre as experiências femininas e os desafios que as mulheres enfrentam em diferentes períodos históricos e culturais. A pesquisa visa explorar a representação do sujeito feminino na literatura, especialmente em relação à condição da mulher viúva. No romance *A Viúva Simões* de autoria de Júlia Lopes de Almeida essa temática é explorada através da personagem principal, Ernestina Simões, que se vê confrontada com a perda do marido e as cobranças sociais e emocionais que acompanham a viuvez.

Com base no trecho “Em vida do marido frequentara algum tanto a sociedade; mas depois que ele partiu sozinho para o outro mundo, ela encolheu-se com medo que se discutisse lá fora a sua reputação, coisa em que pensava numa obsessão quase nevrótica.” (ALMEIDA, 2019, p. 5), a viuvez feminina aparece como uma experiência marcada pela perda do parceiro, além de enfrentar o luto e a dor emocional, as viúvas podem enfrentar desafios adicionais, como a redefinição de sua identidade, a adaptação a uma nova vida sem o cônjuge, a reconstrução de relações sociais e a responsabilidade de assumir novos papéis familiares. Com relação à viuvez, períodos de luto formal, uso de roupas específicas ou restrições sociais podem variar amplamente em diferentes partes do mundo e podem estar sujeitas a mudanças culturais e sociais ao longo do tempo.

A viuvez na literatura é retratada como uma experiência solitária e dolorosa, refletindo as dificuldades enfrentadas pelas personagens femininas. Percebe-se que no contexto da obra *A Viúva Simões* na época em que foi escrito o processo vivenciado por mulheres viúvas aparece em desvantagens quando comparado aos homens em situações semelhantes. Isso ocorre devido às normas patriarcais que influenciam a maneira como a sociedade vê e trata as mulheres, o que resulta em tratamentos diferentes em comparação aos homens na mesma posição de viúvo. Essa disparidade é um dos aspectos que esta pesquisa se propõe a analisar.

O presente estudo buscou responder sobre os aspectos que contribuíram para a construção da personagem feminina e a sua representação diante da viuvez da personagem Ernestina.

Este trabalho tem como objetivo principal compreender a representação da questão feminina na obra *A Viúva Simões*. Para alcançar esse objetivo, foram definidos os seguintes objetivos específicos: interpretar os aspectos do luto na

viuvez feminina, analisar os pontos de vista psicossociais presentes na narrativa, observar a representação da personagem e seu contexto, e identificar sua condição social, econômica e moral.

Para o desenvolvimento desta pesquisa, foi adotada uma abordagem metodológica exploratória, fundamentada em pesquisa bibliográfica. Utilizaram-se fontes teóricas relevantes tais como, Saffioti (2015), Parkes (1998), Perrot (2008), Tamba (2015), Silva (2015), Possas (2008), para a análise da representação da viuvez na literatura, com foco na análise dos elementos que constituem a representação da personagem no livro escolhido. A pesquisa foi caracterizada como básica, visando analisar a personagem principal e como a viuvez é retratada na obra. Foi empregada uma abordagem qualitativa para a análise dos elementos que compõem a representação da personagem.

A estrutura da pesquisa está organizada em cinco capítulos. O primeiro capítulo já foi apresentado. Os próximos tópicos estão delineados da seguinte forma: o segundo capítulo é dedicado à apresentação da autora e ao resumo da obra. Em seguida, o terceiro capítulo abordará uma análise da narrativa, com enfoque em conceitos teóricos relacionados à condição feminina na obra. Posteriormente, o quarto capítulo explora a representação da viuvez na narrativa. Por fim, encerraremos a pesquisa com as considerações finais, onde recapitularemos os as discussões apresentadas ao longo do estudo.

2. JÚLIA LOPES DE ALMEIDA – “Uma criadora genial”

Iniciamos esse capítulo utilizando as palavras do escritor João do Rio (1881-1921) em seu livro *O Momento Literário* (1908). De fato, não tem como discordar do referido escritor, pois para falar de autoria feminina é indispensável destacar a romancista, cronista, contista, além de outras atividades e gêneros literários desenvolvidos por D. Julia, como respeitosamente era chamada no meio literário do seu tempo:

D. Júlia, a criadora genial, tem a doce arte de ser mãe. E os seus livros não são outra coisa, na sua intensa verdade, que a evocação do Amor, do Amor multiforme, fatal como o viver, o Amor em que se desnastra como um harpejo de alegria, como a esperança mesma da vida presente, crendo no futuro, o riso cantante das crianças... (RIO, 1994, p. 108)

Nascida em um lar de classe burguesa e filha de pais intelectualizados, aproveitou todas as condições favoráveis à sua capacidade criativa para a atividade literária. Ao responder sobre a iniciação do papel de escritora, Júlia Lopes afirma ter

recebido incentivo do seu pai, que ao descobrir a vocação da filha, estimula-a colaborar para o jornal Gazeta de Campinas, onde publica sua primeira crônica.

Após seu casamento com o escritor português, Filinto de Almeida, Júlia Lopes recebe do seu marido também muito apoio e indicações de leituras:

Tive duas criaturas que a fizeram, -meu pai e meu marido. Em solteira, meu pai dava-me livros portugueses, -o Camilo, o Júlio Diniz, Garrett, Herculano. Já publicara livros quando me casei, e só depois de casada é que li, por conselho de meu marido, os modernos daquele tempo -Zola, Flaubert, Maupassant.

— Maupassant causou-lhe uma grande impressão. *A Viúva Simões...*

— Eu li Maupassant depois de publicada *A Viúva Simões*. Sou de muito pouca leitura. Era capaz de passar a vida lendo, mas uma dona de casa não pode perder tanto tempo. E até fico nervosa quando vejo livros por abrir. Seria tão agradável gastar a existência lendo!... Quem, entretanto, cuidaria dos filhos, dos arranjos da casa? (RIO, 1994)

O trecho destacado, acima, consta de entrevista dada pela escritora, deixando claro todo apoio que a ela recebeu para desenvolver sua presteza literária, que achamos relevante destacar, pois o ato de escrever não era comum como atividade feminina.

Vários foram os jornais que serviram de suporte para a circulação do trabalho da escritora Júlia Lopes de Almeida. Assim como muitos autores do período oitocentista, a escritora entra para o mundo das letras pelas páginas dos jornais. Vale destacar que a maioria dos seus romances foram publicados em forma de folhetim.

Em seus romances, podemos perceber o protagonismo feminino, porém sem confrontar de forma radical com os padrões de uma sociedade patriarcal. Apreendemos através de depoimento do jornalista João Luso:

Dona Júlia Lopes de Almeida, educadora familiar, jornalista, romancista, conferencista, socióloga, comediógrafa, autora de livros de viagens, de livros de toda a sorte, conquista nas letras brasileiras, e na língua portuguesa, um lugar bem à parte, bem legítima e inconfundivelmente seu. [...] E como na sua existência terrena, sem nenhuma pretensão ou propósito de se singularizar, ela se tornou tão originalmente notória e triunfadora, assim na memória do seu nome haverá um fulgor e uma doçura só dele, através das gerações de escritores e de brasileiros que lhe hão de conferir a imortalidade. (Prefácio do livro *Cruel Amor*, 1911)

As palavras de João Luso (1875-1950), na citação acima, demonstram que de fato não há uma coerência historiográfica literária em relação ao valor da escritora Júlia Lopes de Almeida. Apesar da profícua produção da autora nos mais diversos gêneros, seu apagamento na historiografia canônica é um fato.

Sob o ponto de vista de Tamba (2015), o cânone literário brasileiro,

historicamente constituído por homens brancos e de classe burguesa, reflete uma homogeneidade que exclui vozes e perspectivas das normas do discurso dominante. Esse cenário contribui para a falta de reconhecimento enfrentada por Júlia Lopes de Almeida em sua época (1862-1934). Apesar de seu vasto conhecimento e contribuições significativas para o mundo literário, Almeida fora injustiçada no momento da criação da Academia Brasileira de Letras, que na época era composta exclusivamente por homens. Seu marido, Filinto de Almeida, assegurou um lugar na academia, enquanto ela foi excluída.

Essa situação evidencia as barreiras que as mulheres enfrentavam para obter reconhecimento em um ambiente literário dominado por homens. Atualmente, embora tenhamos progressos em relação à época de Júlia Lopes de Almeida, ainda enfrentamos desafios significativos. A mulher continua a enfrentar questões como desigualdade de gênero semelhantes em nossa sociedade. Na concepção de Tamba (2015) Júlia Lopes foi incluída como também excluída no cânone literários, como citado no trecho seguinte:

Ao fazermos uma busca no repertório bibliográfico da historiografia literária brasileira, evidenciamos que houve tanto uma inclusão quanto exclusão da escritora Júlia Lopes de Almeida no cenário literário. Comprovamos que essa situação se mostrou recorrente com a produção literária de vários escritores do período, também excluídas do cânone mesmo após adquirirem notoriedade junto ao meio intelectual. No caso da escritora Júlia Lopes de Almeida, entendemos que esta variação se deu de forma circular, porquanto, por um período, Júlia Lopes teve reconhecimento de suas produções até a década de 1930. (TAMBA, 2015, p. 15)

Porém, como expõe Tamba (2015) acima, embora a autora tenha sido reconhecida por um período e logo depois esquecida, a sua trajetória deve ser sempre lembrada e citada, diante de toda a sua bagagem na história da literatura. Percebe-se que a simplicidade da escrita de Júlia é um fator notável em todas as suas obras, permitindo que um amplo público compreenda e se envolva em suas escritas. Com uma ampla presença de personagens femininas e uma variedade de temas relacionados à condição da mulher, como o casamento, a maternidade e o papel na família. Algumas das obras dessa grande escritora incluem *A Família Medeiro* (1892), *Memórias de Marta* (1899), *A Falência* (1901), *Ânsia Eterna* (1903), *A Intrusa* (1908), *A Herança* (1909), *Cruel Amor* (1911), *A Silveirinha* (1913), *Correio da Roça* (1913), *Era uma Vez...* (1917), entre outras.

A seguir, encontra-se a imagem da Júlia Lopes de Almeida, para personificá-la em sua história.

Figura 1 - Júlia Lopes de Almeida



Júlia Valentim da Silveira Lopes de Almeida¹

(Rio de Janeiro, 24 de setembro de 1862 – Rio de Janeiro, 30 de maio de 1934)

A inclusão de uma imagem de Júlia Lopes de Almeida ao apresentar sua trajetória é uma forma de enriquecer sobre sua vida e obra, pois essa imagem representa um lembrete de que sua história não foi esquecida. Muitas pessoas podem não estar familiarizadas com sua vida e obra, e a imagem dela proporciona de forma visual quem foi essa figura importante na literatura brasileira. Destacar o papel de mulheres como ela na literatura é essencial, pois muitas vezes suas

¹ Registro fotográfico de autoria desconhecida, sem data registrada, pertencente ao Fundo Correio da Manhã do Arquivo Nacional, sediado na cidade do Rio de Janeiro.

histórias de luta e superação não são contadas ou lembradas.

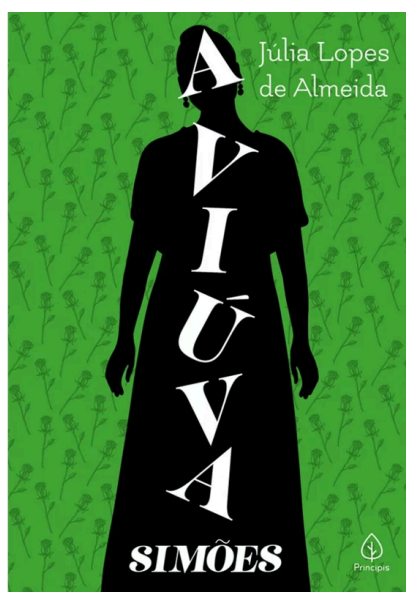
Ao concluir este tópico, que foi uma maneira de apresentar quem foi Júlia Lopes de Almeida, vamos agora seguir para a apresentação da obra que é objeto de estudo desta pesquisa.

2.1 Sobre a obra...

Para avançarmos nesta pesquisa, é imprescindível uma compreensão detalhada do romance *A viúva Simões* (1897), de Júlia Lopes de Almeida, visto que ela constitui o principal objeto de análise. Este tópico oferecerá uma análise da obra, fornecendo detalhes para o desenvolvimento da pesquisa.

A seguir, encontra-se a imagem da capa do livro que serviu de base para a leitura e o desenvolvimento da análise da pesquisa.

Figura 2 - Capa do livro *A Viúva Simões*



Fonte: Ciranda Cultural.²

A narrativa se desenrola em terceira pessoa, tendo como cenário de fundo o Rio de Janeiro e a sociedade burguesa carioca de fins do século XIX. A personagem central de nossa análise, a Viúva Simões, que também dá título à obra, é retratada como uma mulher de classe social média, que se veste de acordo com o seu papel de viúva e é uma mãe extremamente zelosa e dedicada. Anteriormente, enquanto

² Fonte: Ciranda Cultural. Disponível em: <https://www.cirandacultural.com.br/produto/a-viuva-simoes-71352>. Acesso em: 26 de maio 2024.

solteira, estava sujeita à autoridade de seu pai; após o casamento, às ordens do marido; e ao longo dos anos, continuou aprisionada pelo receio do julgamento social após se tornar viúva e com uma filha. Seja em casa ou ao sair, a vestimenta era sempre um vestido de cor preta, que trazia como representação a sua viuvez permanente.

A obra em análise conta a história de dois jovens, Luciano e Ernestina, que se apaixonaram na juventude, porém não puderam viver esse amor plenamente. Luciano partiu para a Europa para estudar, enquanto Ernestina se casou com outro homem, Simões, pertencente à alta sociedade e mais velho. Nessa união, nasceu uma filha chamada Sara. O retorno do antigo namorado desencadeia todo o processo: Ernestina se apaixona novamente por seu amor da adolescência, enquanto sua filha, Sara, também desenvolve sentimentos por ele.

Apaixonada pelo antigo namorado, ela começa a adotar comportamentos que contrariam as normas estabelecidas para as viúvas, como deixar o luto e remover o retrato do ex-marido da sala. Esses atos de rebeldia culminam na complexidade de um triângulo amoroso, entre: Ernestina, Luciano e Sara.

Ernestina e Luciano têm expectativas diferentes em relação ao relacionamento. Enquanto Ernestina talvez tenha esperanças ou expectativas em relação a Luciano, a trama toma outro rumo e complica-se com a presença de Sara. Durante as visitas de Luciano à casa da viúva Simões, ele se apaixona por Sara. Este sentimento acaba sendo correspondido por Sara, mesmo sem ela saber do interesse da mãe por Luciano. Logo, Ernestina confronta Sara sobre os sentimentos por Luciano, levando ambas a reconhecerem que compartilham a mesma paixão. A tensão entre mãe e filha culmina de forma trágica quando Sara adoece gravemente, ficando entre a vida e a morte, esta situação provoca um profundo sentimento de culpa em Ernestina. Embora Sara se recupere fisicamente da doença, ela sofre sequelas mentais e fica seriamente afetada. Tendo, a história como desfecho: Luciano decide deixar o Rio de Janeiro, abandonando a situação complicada sem interesse em saber sobre as duas. Diante disso, Ernestina e Sara permanecem sozinhas no chalé em Santa Teresa, lidando com as consequências emocionais e físicas do conflito e da doença de Sara.

Enfim, agora que compreendemos melhor a obra, podemos avançar com a pesquisa de maneira mais informada e detalhada. Com esse entendimento, estamos prontos para explorar novos aspectos e temas relacionados ao livro.

3. A CONDIÇÃO FEMININA

Neste tópico, abordaremos alguns autores que com suas teorias, ajudarão no desenvolvimento deste trabalho. Sendo, o intuito do primeiro tópico de apresentar fundamentos que abordam sobre a condição da mulher no contexto social, especialmente em relação ao status da viúva Simões perante a comunidade. Essas mudanças são evidenciadas tanto por suas vestimentas quanto pelo seu comportamento em determinadas situações.

Segundo Júlia Lopes de Almeida (2019, p. 6): “Adquirira fama de *menagère* exemplar; e então levava o escrúpulo a um ponto elevadíssimo para não desmerecer nunca do conceito de boa dona de casa.” A personagem Ernestina, buscava sempre passar uma imagem que era esperado pela sociedade.

Para que se compreenda a situação da mulher viúva, o meio social apresenta características para que isso tenha influência na vida da mulher em cada fase da mulher em diferentes contextos. Para Simone Beauvoir (1967), a desigualdade social acontece de uma maneira natural, sendo a figura feminina formada por condições que são lhe imposta diante dos padrões da sociedade. Como exemplifica a seguir:

[...] nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino. (BEAUVOIR, 1967, v.2, p. 9)

Nas narrativas históricas, o imaginário da figura feminina é fundamentado através de discursos de uma natureza feminina, de religião e de política como uma forma de identidade ligada as relações de poder. Assim, as perspectivas na historiografia social voltadas para a figura feminina apresentam contribuições sobre as questões de gênero. Segundo Antonio Losandro Tedeschi (2012), as teorias voltadas para a história das mulheres em relação ao gênero e poder devem ser estudadas, pois esse imaginário feminino é ligado às relações de poder do masculino. Veja:

No decorrer da história há uma relação entre gênero e poder que precisa ser estudada, revelada, reescrita, pois a história tradicional antropocêntrica e universalizante criou o mito do sexo frágil, da impotência feminina e da sua dependência existencial do masculino. (TEDESCHI, 2012, p. 9)

Nesse sentido, os estudos históricos apresentam contribuições para o entendimento da representação feminina e o seu papel desenvolvido através das relações ligadas ao gênero. Diante das relações ligadas socialmente criadas da ideia

de gênero entre homens e mulheres, Heleieth Saffioti (2004) defende a utilização conjunta do conceito de gênero e patriarcado, pois acredita que somente o conceito de gênero não implicaria no estudo de desigualdade entre homens e mulheres. Conforme, a afirmação a seguir:

Por que se manter o nome patriarcado? Sistematizando e sintetizando o acima exposto, porque: 1) não se trata de uma relação privada, mas civil; 2) dá direitos sexuais aos homens sobre as mulheres, praticamente sem restrição; 3) configura um tipo hierárquico de relação, que invade todos os espaços da sociedade; 4) tem uma base material; 5) corporifica-se; 6) representa uma estrutura de poder baseada tanto na ideologia quanto na violência. (SAFFIOTI, 2004, p. 57).

Para Saffioti (2004), o Patriarcado é visto como um fenômeno social ligado ao processo de dominação/exploração que se produz e reproduz diante das relações sociais que são designadas.

De acordo com Luciana Barbara de Queiroz Vieira e José Antonio de Souza (2015, p. 280), a obra Almeidaiana oferece uma nova perspectiva sobre o comportamento feminino e sua contribuição para os aspectos econômicos, sociais e políticos da sociedade. Ao desafiar os papéis tradicionalmente atribuídos às mulheres, como o papel materno e o de esposa, a obra destaca a capacidade das mulheres de se engajarem em diversas esferas da vida social, sugerindo que elas não estão limitadas a um único papel ou função na sociedade.

Ernestina é apresentada como um exemplo ideal do que era esperado para uma esposa naquele contexto social e cultural, caracterizada pela submissão e pela aceitação de ser identificada pelo sobrenome do marido, como é evidenciado já no título da obra, *A Viúva Simões*. No entanto, segundo Nadilza Martins de Barros Moreira (2003), a viuvez é destacada como um momento em que as mulheres podem alcançar uma emancipação real, tanto civil quanto socialmente, pois se libertam das restrições associadas ao papel de esposa e podem reivindicar uma identidade mais independente. Nesse contexto, o casamento é visto como o destino tradicional das mulheres, uma condição quase necessária para o reconhecimento e identidade dentro da sociedade, como o trecho a seguir:

O destino das mulheres era o casamento, como se só através do matrimônio a mulher pudesse obter reconhecimento e identidade, quando, na verdade, neste contexto patriarcal, essas conquistas não aconteciam de fato para ela; reconhecimento e identidade permaneciam acoplados ao nome do marido, pois a mulher brasileira continuava e continua, diante do código civil, uma menor. O estado de viuvez, de fato, é que vai emancipar as mulheres civil e socialmente. (MOREIRA, 2003, p. 104).

Logo, a personagem Ernestina, ao escolher se conformar às expectativas e

manter-se na posição de viúva, não apenas reforça a noção de que essa fase da vida pode ser menos desafiadora do que redefinir sua identidade, mas também sublinha como a sociedade da época limitava as mulheres a papéis predeterminados. Assim, a viuvez não apenas se destaca como um período de potencial emancipação, mas também como um momento de reflexão sobre as restrições contínuas impostas às mulheres, mesmo na ausência de um cônjuge.

Com base em Perrot (2008, p. 41), a experiência de ser uma mulher ou um homem tem sido significativamente diferente ao longo do tempo. Na Idade Média, por exemplo, as mulheres frequentemente tinham pouca ou nenhuma autonomia e poder em comparação aos homens. No entanto, ao longo do tempo, as mulheres passaram a ter maior acesso à educação, ao mercado de trabalho e à participação política em comparação com períodos anteriores.

Assim como as mulheres historicamente enfrentaram restrições de poder e autonomia devido às normas de gênero, também são afetadas por pressões sociais relacionadas à juventude e à aparência física. O diálogo a seguir entre Ernestina e Luciano sobre a idade oferece um exemplo claro de como as percepções e normas sociais em torno da juventude são discutidas e interpretadas pelos personagens. Almeida (2019), diz:

- Estou velha!
- Formosa velhice!
- Trinta e seis anos...
- E eu, trinta e nove...
- Os homens são sempre moços... (ALMEIDA, 2019, p. 15)

Esse diálogo entre Ernestina e Luciano revela uma reflexão sobre a percepção da idade, especialmente no contexto das normas sociais de gênero que reflete na norma cultural que tende a valorizar a juventude masculina, independentemente da idade. Enquanto os homens são frequentemente vistos como mantendo sua atratividade e vitalidade mesmo com o passar dos anos, as mulheres podem sentir uma pressão social para manter uma imagem jovem e atraente.

A personagem, durante a obra, aparece com pensamentos expressando revolta contida contra a monotonia de sua vida, que parece carente de emoções e experiências significativas. Como sugere o trecho de Almeida (2019) adiante:

Estava num dos seus momentos de melancolia; almejava qualquer coisa que ela mesma não sabia definir. Era a revolta surda contra a pacatez da sua vida sem emoções, contra aquele propósito de enterrar a sua mocidade

e a sua formosura longe dos gozos e dos triunfos mundanos. (ALMEIDA, 2019, p. 7)

Existe um sentimento de frustração e insatisfação com a ideia de sacrificar sua juventude e beleza em prol de uma existência tranquila, evidenciando um conflito interno entre a conformidade com as normas sociais e o anseio por uma vida mais plena, repleta de emoções e realizações.

As normas de gênero moldam as experiências das mulheres, não apenas em relação à maternidade, mas também em sua autonomia e identidade pessoal, conforme Almeida (2019, p. 45) demonstra “Ela não se pertencia, era da filha; tudo que havia ali devia ser da filha... tinha sido ganho pelo pai, com o esforço, por amor dela...”. No trecho em questão, a personagem se sente como se não pertencesse a si mesma, mas sim à sua filha, as normas de gênero muitas vezes atribuem às mulheres o papel de cuidadoras e provedoras do lar, levando-a a priorizar as necessidades e os interesses dos filhos acima dos seus próprios. Esse contexto social as coloca em uma posição de dependência e subordinação em relação aos membros masculinos da família.

Ao término deste tópico, podemos concluir que os fundamentos apresentados oferecem uma compreensão da condição da mulher no contexto social, especialmente em relação ao status da viúva Simões perante a sociedade. No próximo capítulo, a análise se concentrará na representação da viuvez na obra, aprofundando mais complexidades associadas a esse estado civil.

4. SIMÕES, UMA TRANSGRESSORA?

Na literatura, a temática sobre a viuvez é recorrente, sendo voltado para o lado de experiências emocionais e psicológicas da pessoa viúva, sobre como é retratada essa experiência dolorosa e a forma como a viuvez é apresentada ao redescobrir e criarem novas vidas para si mesmos. De modo, a viuvez acaba sendo retratada como uma experiência complexa que pode apresentar um impacto significativo na vida dos personagens.

De acordo com Johannes Doll (2002), o termo “viuvez” tem origem na palavra latina “vidua”, que significa “ser privada de algo”, indicando que a viuvez é percebida mais como uma condição feminina. Doll (2002) acrescenta que, no caso dos homens viúvos, a sociedade não vê problemas, já que eles continuam suas vidas de forma semelhante a antes.

Após a perda do cônjuge algumas mulheres enfrentam alguns desafios como solidão, crises financeiras e uma nova realidade. Com isso, a nova perspectiva ligada a viuvez apresenta transformações nessa nova fase de vida. Conforme Colin Murray Parkes (1998) o luto tem como referência a perda, seja ela ligada a uma pessoa amada.

O luto, como já disse, não é um tipo comum de estresse na vida da maioria das pessoas. Ao dizer isto, eu deveria ter escrito luto com L maiúsculo. É claro que perdas são comuns em nossa vida. E como o luto é uma reação à perda, deveria ser comum também. Mas o termo luto não é usado para a reação à perda de um guarda-chuva velho. Ele geralmente é reservado para a perda de uma pessoa, em especial, de uma pessoa amada. (PARKES, 1998, p. 24)

Com isso, a perda do marido pode significar a perda do companheiro do cotidiano, assim como pode ser ligada a perdas que desenvolvam a necessidade de aprender novos papéis sociais, designados agora somente para a esposa. Conforme Parkes (1998):

A morte do marido é, com freqüência, acompanhada por uma queda nos rendimentos, o que, por sua vez, pode levar a viúva a ter de vender a casa, mudar de emprego (se estiver empregada) e mudar para bairros novos. A necessidade de aprender novos papéis sem o apoio da pessoa com quem ela se acostumou a contar, em tempos de luto para os demais membros da família, em particular os filhos, pode trazer uma experiência de estresse para a mulher muito maior do que o luto em si. (PARKES, 1998, p. 24)

O luto será vivenciado de forma diferente pelas mulheres, dependendo da convivência que tiveram com o cônjuge. Para lidar com a decorrência deste processo o apoio é fundamental para essas viúvas, sendo, desta a perda uma forma de se sentir mais livre. Para Jaqueline Padovani Silva (2015), essa liberdade ocorre pelo fato de a viúva ter a possibilidade de seguir a vida sem ser associada a uma figura paterna ou do marido.

A liberdade alcançada pela viúva devia-se ao fato de ela ter passado da tutela paterna para a conjugal e desta para a viuvez. A responsabilidade que o poder masculino exercia sobre a mulher transferia-se, por intermédio do falecimento do chefe familiar, para as mãos da própria dama. (SILVA, 2015, p. 116)

A imagem de viúva a mulher carregava consigo a imagem do marido atrelada a ela e ao seu nome, como uma forma de preservar a memória do falecido e para que não fossem identificadas como figuras levianas. Segundo Silva (2015), a imagem da viúva podia apresentar opções de faces, considerando a disposição para uma nova união conjugal.

A imagem da viúva dos Oitocentos, portanto, podia ter múltiplas facetas:

esposa honrada, que mantinha o luto em memória do cônjuge falecido; “coquete” de salões, que preferia apenas seduzir os homens, sem se comprometer com mais ninguém; chefe de família, capaz de administrar as finanças e os empreendimentos deixados pelo marido; mulher experiente, que, já tendo conhecido as peripécias da vida conjugal, era mais enérgica e menos inocente na relação a dois; dama interesseira, que pretendia lucrar com um novo casamento por ela escolhido etc. (SILVA, 2015, p. 120)

Conforme Silva (2015, p. 163) “Para os padrões da época, o luto devia ser mantido pelas esposas, mesmo que de maneira abrandada, por no mínimo um ano [...]”. Assim, como uma forma de exigência de um comportamento controlado pelas normas sociais, a mulher viúva seguia como demonstração do cumprimento do luto comportamentos como o de reclusão social, trajes mais sóbrios sendo o mais usado a cor preta, por uma duração de um ano, sem demonstrar diante da sociedade características ligadas a alegria, sendo, essas “normas” seguidas como um protocolo pela a viúva.

Com relação entre vestimenta e expressão de sentimentos, a personagem Sara expressa sua surpresa e descontentamento ao ver sua mãe vestindo branco após um período de luto, com ideia de quebra das normas sociais e falta de respeito pelo período de luto tradicionalmente estabelecido pela sociedade. Além disso, a resposta de Ernestina evidencia uma reflexão sobre a verdadeira essência do luto, destacando que o sentimento não reside na vestimenta. Sendo, representado nessa troca de diálogo entre mãe e filha as diferentes perspectivas e expectativas sociais em relação à expressão do luto através da vestimenta. Como é apresentado por Almeida (2019) a seguir:

Nesse dia, aliviou o luto.
Sara mostrou-se admirada e ofendida.
— Ainda não há um ano e mamã já usa branco?!
— O luto é uma tolice... creio que já dei uma satisfação à sociedade...
— De rigor é um ano.
— Não é na roupa que está o sentimento, é no coração.
— Eu sei... mas... gostava que *mamã* fizesse como as outras...
— As outras! Quem te ouvir falar assim há de pensar que não lamentei a morte de teu pai?
— Não, minha mamãzinha. Deus me livre! Eu bem sei que mamã tem muitas saudades... pudera! Se não fosse assim, a senhora seria ingrata!
(ALMEIDA, 2019, p. 56)

As roupas podem servir como símbolos de identidade, status social e expressão emocional, e como as normas culturais e sociais influenciam a maneira como as pessoas interpretam e expressam seus sentimentos através da vestimenta.

O trecho citado de Almeida (2019, p. 39): “Vestia-se devagar, demoradamente. A lã preta do luto repugnava-lhe; aquele traje áspero e triste não era o que o seu corpo desejava. A pele bem tratada queria seda, um contato macio que caísse sobre ela como uma carícia...” demonstra o ato de vestir-se em trajes de luto para explorar temas de conflito interno, críticas às normas sociais e o desejo de conforto e prazer em meio à dor diante da pressão. Percebe-se que a lã preta do luto representa a obrigação social de mostrar respeito e dor pela perda, enquanto seu desejo por tecidos macios como a seda simboliza sua necessidade de conforto.

No diálogo entre Ernestina e a moça que trabalhava em sua casa, por Almeida (2019, p. 38), a passagem “laiá é a moça que há em Santa Teresa!... É preciso laiá se casar outra vez para usá seus vestidos claros... Hi! laiá fica bonita com roupa clara!” sugere que Ernestina precisa se casar novamente para poder usar roupas claras. Logo, esta sugestão indica uma transição desejada da tristeza para a alegria, da morte para a vida, sendo o casamento apresentado como um rito de passagem necessário para que laiá recupere sua vitalidade e beleza. Em muitas culturas, o casamento é visto como um meio de restabelecer a posição social e a normalidade na vida de uma mulher viúva, trazendo a visão de que a identidade e o status de uma mulher estão ligados ao seu estado civil.

De acordo com Almeida (2019, p. 7): “A verdade era que a viúva, além do medo de comprometer a felicidade da filha, sentia preguiça de cortar de uma vez aquele sistema recolhido de vida, iniciado pelo marido, um pouco ciumento”, Ernestina, personagem principal dessa obra faz referência a um modelo de esposa perfeita, sendo pra ela menos trabalhoso permanecer na posição em que ocupa em relação ao ter que estabelecer uma identidade própria como exemplo o título da obra: *A Viúva Simões*, que faz referência ao sobrenome do marido. Portanto, esse trecho oferece uma visão de Ernestina, uma viúva que lida com o luto e os resquícios de seu casamento anterior, sendo destacada a forma de se adaptar a uma nova fase da vida após a perda do seu marido.

O luto é um processo complexo que vai além da perda de alguém por morte. Existem diferentes tipos de luto, por exemplo, o luto pela perda de um ente querido que é o mais comum. Como também, o luto por uma separação ou divórcio quando um relacionamento termina, sendo semelhante ao luto pela morte. A perda de um emprego também pode desencadear sentimentos de luto, assim como a perda de um sonho ou expectativa, que surge quando um objetivo não se realiza.

Na narrativa, Ernestina sofre por dois tipos de luto: a morte do marido e a desilusão amorosa. Ela tinha grandes expectativas em relação ao seu antigo amor, mas ao final percebeu que ele não era como ela imaginava. Esse luto romântico resulta em uma espécie de viuvez amorosa. Ernestina, parece ser mais afetada e sofrer mais pela decepção com um antigo amor do que pelo falecimento de seu marido. Tendo como entendimento de que, para ela, a dor emocional resultante da decepção amorosa é mais intensa e significativa do que a perda do cônjuge.

No que diz respeito ao luto, observa-se que Ernestina não parece demonstrar um lamento em relação ao seu marido. Sendo, demonstrado pela a personagem uma falta em relação a sentimentos amorosos e a sensação de dever cumprido como esposa. Isso é exemplificado no trecho de Almeida (2019, p. 11) em que Ernestina menciona seu marido: “O esposo fora um bom homem, embora genioso e um pouco violento; ela era grata à sua memória e sentia-se feliz por tê-lo estimado com sinceridade, fidelidade.”

Com isso, percebe-se como a pressão social pode afetar a maneira como as viúvas processam diferentes tipos de luto. No caso de Ernestina, sua dor pela desilusão amorosa é mais profunda do que pelo falecimento do marido, sugerindo que o luto não é apenas uma questão de perda física, mas também de questões emocionais não realizadas. Como explica Marinho (2004):

Quando se tornam “as viúvas”, a honra e a dignidade feminina são ainda mais “vigiadas”. Culturalmente percebe-se como a sociedade pode ser cruel e muito exigente com a postura de uma mulher viúva. Além de sua imagem, existe também a imagem do companheiro falecido que deve ser preservada. E nesse caso, “preservar a imagem” é manter-se “fiel” carregando o título de “esposa” para sempre. É comum as viúvas serem classificadas como mulheres insensíveis quando elas passam a ter novos relacionamentos afetivos (MARINHO, 2004, p. 99).

Contextualizando historicamente a posição das viúvas na sociedade, que espera comportamentos que refletem valores tradicionais com uma conduta exemplar, o que muitas vezes implica em uma privação de novos relacionamentos, sendo esta exigência baseada em normas tradicionais que veem a continuidade do luto como uma prova de respeito e fidelidade ao falecido.

No romance, algumas simbologias aparecem relacionadas ao marido. Na sala de estar, por exemplo, há um retrato a óleo do falecido Comendador Simões, que é um símbolo da presença contínua do marido na vida da viúva. Conforme destacado por Lima (2017) no seguinte trecho:

Fazendo novamente referência ao quadro do comendador Simões, é possível que este elemento no texto seja usado como forma de apresentar um dos fatores da viuvez feminina: o compromisso que a sociedade requer que seja mantido com o falecido esposo mesmo depois da morte deste. (LIMA, 2017, p. 60)

A presença do retrato pode simbolizar a contínua presença e a influência que o falecido exerce sobre a viúva, Ernestina. Quando Sara fica doente, há uma cena em que Ernestina está rezando e, ao olhar para o quadro sobre a cabeceira da cama de Sara, ela percebe que não se trata apenas de uma lembrança do marido. Percebe-se que o retrato torna-se um símbolo de reprovação mesmo após a morte dele. Como menciona Almeida (2019) a seguir:

Rezava então de um modo desordenado e aflito, encolhendo-se na cadeira, com verdadeiro pavor do retrato do marido que continuava suspenso sobre a cabeceira da cama, e que parecia estar ali para proteger a filha e argüir terrivelmente a esposa. A viúva via incessantemente esta pergunta atroz nos olhos dele:

— Que fizeste da nossa filha?! (ALMEIDA, 2019, p. 104)

A viúva, ao olhar para o retrato do marido, aparenta sentir-se culpada por parecer não atender ao papel que a sociedade espera dela como esposa e mãe.

Ernestina é retratada como uma mulher com comportamentos e expectativas que foram transmitidos a ela ao longo da vida, tanto pela família quanto pela sociedade. Tendo, como exemplo, a pressão para permanecer fiel à memória do marido, manter-se recatada e discreta, ou assumir a responsabilidade total pela família como chefe do lar. De acordo com Possas (2008):

A viuvez não é apenas um “estado de ser” representado pela situação de perda do cônjuge, mais na realidade esboça, principalmente para as mulheres questionamentos exigindo explicações e vivências de comportamentos herdados e muitos vezes estereotipados. (POSSAS, 2008, p. 4)

Na obra *A Viúva Simões*, essa complexidade da viuvez é evidente na personagem principal. Após a morte do marido, Ernestina enfrenta questionamentos sobre sua identidade e seu papel na sociedade. Ela pode se perguntar quem é agora sem seu esposo e como deve se comportar como uma viúva, questões essas que podem ser influenciadas por normas sociais e expectativas de gênero que moldam o comportamento da mulher ao lidar com a viuvez.

É possível interpretar como a viuvez de Ernestina e a posição de chefe de família têm impacto na dinâmica familiar e na relação entre mãe e filha na obra *A Viúva Simões*. Conforme, Hahner (2003, p. 43): “A viuvez liberava-as de algumas das restrições legais impostas às mulheres casadas e conferia-lhes a autoridade de

chefe de família.” Essa mudança de casada para viúva no status legal e social proporciona tanto liberdade quanto autoridade para as personagens femininas, moldando oportunidades dentro da sociedade. A dinâmica entre Ernestina e Sara é influenciada pela posição de liderança que Ernestina assume como chefe de família após a morte do marido, ela assume um papel protetor e orientador em relação a Sara.

As mudanças nos papéis de gênero, a evolução das estruturas familiares e as condições econômicas são alguns exemplos de fatores que podem alterar a experiência de ser viúva. Tendo como exemplo, mulheres na sociedade onde depende economicamente do marido, a viuvez pode trazer desafios financeiros além do emocional. Como argumenta Perrot (2008, p. 48): “A viuvez atinge necessariamente grande parte das mulheres. É um período bastante ambivalente, vivido diferentemente de acordo com os meios sociais, as situações de fortuna e os contratos de casamento.” Percebe-se que a situação socioeconômica de Ernestina influencia sua experiência como viúva, sendo ela uma mulher de classe média alta, tendo acesso a recursos financeiros e apoio social que são mais difíceis para mulheres de classes mais baixas. Por outro lado, ela enfrenta cobranças sociais mais rígidas em relação ao luto e ao comportamento considerado adequado, devido ao seu status social.

Ernestina é influenciada pelas normas sociais em relação à viuvez em sua sociedade, diante da pressão para manter certos padrões de comportamento, como vestir luto por um período específico de tempo ou permanecer fiel à memória do marido. Além disso, o contexto histórico da obra também influencia a experiência de Ernestina como viúva, a história se passa em uma época em que os papéis de gênero eram mais rígidos e as mulheres tinham menos autonomia e liberdade para tomar decisões por si mesmas.

No romance de Júlia Lopes de Almeida, a viúva, apesar de não expressar o lamento em relação ao marido, sente-se pressionada a manter certas aparências de conformidade diante das cobranças sociais sobre ela. Quando Sara adoece no desenrolar da trama, sugere-se que isso possa ser interpretado como uma forma de punição à viúva, que aparentemente não desempenhou adequadamente o papel esperado pela sociedade como uma viúva enlutada.

Para Brás (2022,p. 61) “A viuvez feminina é uma experiência individual, subjetiva e é também um fenômeno influenciado pela organização social, por fatores

sociais e históricos que interferem na forma pessoal e subjetiva como esse processo é vivido.” Diante disso, percebe-se que a percepção e o tratamento das viúvas mudaram ao longo do tempo. No passado, esperava-se que as viúvas permanecessem em luto por longos períodos e demorassem a se envolverem em novas relações. Atualmente, essas expectativas são um pouco diferentes, de forma reflexiva em relação à evolução dos papéis de gênero e em relação à liberdade das mulheres decidirem como lidar com sua perda.

Encerrando este tópico, em que exploramos diferentes perspectivas sobre a viuvez feminina no romance de Júlia Lopes de Almeida, destacando a pressão social sobre a protagonista para manter as aparências após a morte do marido. No próximo capítulo, iniciaremos a discussão sobre as considerações finais, abordando as contribuições deste estudo.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A viuvez feminina, tema central abordado no romance *A Viúva Simões* de Júlia Lopes de Almeida, revela-se como um emaranhado de normas sociais, pressões culturais e expectativas sobre a personagem viúva. Em muitos casos, a figura da viúva é retratada como um símbolo de dor, luto e solidão. Essas representações podem variar desde retratos detalhados até a utilização de metáforas e símbolos, como na obra que apresenta a questão da cor da roupa durante o período de luto. Através de uma revisão crítica da literatura existente e da análise de teorias selecionadas, buscamos identificar padrões, narrativas e representações associadas à viuvez feminina em diferentes contextos culturais.

Por meio desta pesquisa, exploramos como a viuvez é representada na literatura, especialmente no contexto da obra de Júlia Lopes de Almeida. A análise do romance revela não apenas a luta interna de Ernestina para encontrar sua própria identidade além da sombra do marido, mas também a resistência da sociedade na época diante das mulheres viúvas em relação às questões tradicionais.

Observamos que, embora a viuvez seja frequentemente retratada como um estado de luto e solidão, também pode ser encarada como uma oportunidade para a emancipação. Ernestina, ao resistir às pressões sociais para se conformar com o papel de viúva, desafia as tradições e reivindica sua autonomia.

Para compreender melhor o objetivo geral, foram identificados quatro objetivos específicos. O primeiro foi interpretar os aspectos do luto da viuvez

feminina. Foi observado que o processo emocional para Ernestina não parece ser algo que ela demonstra em relação ao seu marido e em alguns trechos demonstra um lamento que pode não ser sincero, apenas para satisfazer as cobranças sociais sobre ela.

O segundo objetivo foi analisar os pontos de vista psicossociais da narrativa. Concluiu-se que a pressão para seguir um luto prolongado e o controle social imposto à viúva refletem sobre a vida pessoal da viúva.

O terceiro foi observar a personagem representada e o contexto em que aparece, como resultado a narrativa apresenta a luta de Ernestina por sua própria identidade, com detalhes sobre suas vestes e menções à sua idade e sobre o contexto a obra retrata normas patriarcais sobre a personagem, como vestir-se de preto, evitar festas e manter um luto prolongado.

Finalmente, o quarto objetivo foi identificar a condição social, econômica e moral da personagem, observando que Ernestina é apresentada como uma viúva de classe alta. A moralidade de Ernestina é constantemente avaliada pela sociedade em relação às suas ações, como uma forma de garantir que estejam de acordo com os valores morais esperados de uma viúva.

Para o desenvolvimento desta pesquisa foi utilizada uma pesquisa básica, com finalidade de analisar como a viuvez é representada na obra em questão. Utilizando uma abordagem qualitativa, baseada em uma leitura crítico-analítica do romance, nos permitiu mergulhar nas complexidades da representação da viuvez feminina. A pesquisa fundamentou-se em revisão bibliográfica, sendo classificada do tipo exploratória, que teve como auxílio de materiais acadêmicos tais como, livros, artigos científicos, monografias, entre outros.

Ainda, com base nas etapas desenvolvidas para a construção da análise, foram utilizados bases dos pressupostos teóricos relacionados ao objeto de estudo. Em seguida, foram analisadas categorias como elementos presentes no meio social e pontuando componentes relacionados no interior da obra. Logo, a análise teve como foco principal a personagem e como ocorre sua representação dentro do romance literário.

O corpus deste trabalho foi composto por uma leitura do romance *A Viúva Simões*, e teve como objetivo de observar como se dá a representação da viuvez sendo o foco na protagonista Ernestina. A escolha da personagem foi feita levando em consideração a posição de protagonista da personagem viúva. Assim, foram

feitas comparações entre o que é posto no romance em questão e o que levantamos anteriormente sobre a representação da viuvez.

Vemos, portanto, que o texto de Júlia Lopes de Almeida utiliza como crítica às imposições sociais e patriarcais sobre as mulheres, especialmente sobre as viúvas, revelando as questões de gênero e poder na sociedade na época em o romance foi escrito. Embora o contexto tenha mudado, muitos desses problemas ainda persistem na atualidade.

Em suma, este estudo não apenas oferece uma compreensão mais profunda da viuvez na literatura, mas também contribui para o debate sobre autoria feminina e questões de gênero na produção literária. Deste modo, o trabalho apresentou propostas sustentadas por teóricos que servem de base para compreender a representação da viuvez na literatura. Logo, o intuito desta pesquisa é contribuir para o aprofundamento de pesquisas voltadas para escritas de autoria feminina, como a do livro escolhido da Júlia Lopes de Almeida, visto que o assunto apresenta relevância para futuros estudos de análise literária.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Júlia Lopes de. **A Viúva Simões**. 1. ed. Jandira - SP: Principis, 2019.

BEAUVOIR, Simone. **O Segundo Sexo**. Vol.2. Difusão Européia do Livro, 2 ed. 1967.

BRÁS, Ana Rita. **E tudo a viuvez levou ? O impacto da morte do cônjuge no papel das mulheres nas famílias**. Forum Sociológico [Online], 2022. Disponível em: <http://journals.openedition.org/sociologico/10535>. Acesso em: 25 de abr. 2023.

DOLL, Johannes. **Luto e viuvez na velhice**. In Elizabeth Freitas (Org.) Tratado de Geriatria e Gerontologia. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002. Disponível em: <https://framontmartins.wordpress.com/wp-content/uploads/2016/09/tratado-de-geriatria-e-gerontologia-3c2aa-ed.pdf> . Acesso em: 13 de abr. 2023.

FONTE, **Fundo Correio da Manhã do Arquivo Nacional**. Disponível : http://imagem.sian.an.gov.br/acervo/derivadas/BR_RJANRIO_PH/0/FOT/07983/BR_RJANRIO_PH_0_FOT_07983_d0002de0003.pdf. Acesso em: 26 de maio 2024.

HAHNER, June E. **Emancipação do sexo feminino**. A luta pelos direitos da mulher no Brasil, 1850-1940. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2003.

LIMA, Élisson Vieira de. **A representação da viuvez feminina em A Viúva Simões e Culpados**. 2017. Dissertação (Mestrado em Letras), Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), Pau dos Ferros, 2017. Disponível em: https://www.uern.br/controladepaginas/defesas2017ppgl/arquivos/4249dissertaa%C2%A7a%C2%A3o_elisson_versa%C2%A3o_final.pdf. Acesso em: 16 de maio 2024.

LUSO, João. IN: ALMEIDA, J.L. **Cruel Amor**. Rio de Janeiro: Saraiva, 1963.

MARINHO, Camila Holanda. **VIÚVAS DE GANGUES: O universo interdito da violência urbana juvenil**. 2004. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2004. Disponível em: <https://acervo.fortaleza.ce.gov.br/download-file/documentById?id=f256189c-0fb4-40ca-aa29-18cd18227fe8>. Acesso em: 10 de maio 2024.

MOREIRA, Nadilza Martins De Barros . **A condição feminina revisitada**: Júlia Lopes de Almeida e Kate Chopin. João Pessoa: Universitaria, 2003.

PARKES, Colin Murray. **Luto: Estudos Sobre A Perda Na Vida Adulta**. Ed. Summus, 1998. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbp/a/WrxRHWjpCHvyt6zC9qGsMNF/>. Acesso em: 07 de maio 2023.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2008.

POSSAS, Lidia M. V. **Mulheres e Viuvez: recuperando fragmentos, reconstruindo papéis**. Fazendo Gênero 8 - Corpo, Violência e Poder. UNESP/Marília, 2008. Disponível em:

https://www.wwc2017.eventos.dype.com.br/fg8/sts/ST7/Lidia_M_V_Possas_07.pdf
Acesso em: 10 de maio 2024.

RIO, João do. **O momento literário**. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, Depto. Nacional do Livro, 1994.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero, patriarcado, violência**. 2a ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

SILVA, Jaqueline Padovani. **De esposa a viúva, de viúva a esposa.: “Desta para a melhor”: a presença das viúvas machadianas no Jornal das Famílias**. SciELO Books, 2015. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/52tf5>. Acesso em: 03 de mar 2023.

TAMBA, Nahete de Alcântara Silva. **Júlia Lopes de Almeida e sua trajetória de consagração em o país**, 2015. 263 f. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015. Disponível em: https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/8240?locale=pt_BR. Acesso em: 31 de maio 2024.

TEDESCHI, Losandro Antonio. **As mulheres e a história: uma introdução teórico metodológica**. Dourados, MS: Ed. UFGD, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufgd.edu.br/jspui/handle/prefix/1046>. Acesso em: 29 de maio 2023.

VIEIRA, Luciana Bárbara De Queiroz ; SOUZA, José Antonio De . **Esboço da emancipação feminina**: a mulher retratada na obra A Viúva Simões. Anais do seminário de educação e colóquio de pesquisa, 2015. Disponível em: <https://anaisonline.uems.br/index.php/semiedu/article/view/940>. Acesso em: 12 de mar 2023.